

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

10 a 17 de junho de 2022 | www.abbc.org.br



Tempestade a frente?

Importante na definição das políticas monetárias, ao produzir volatilidade, a semana conturbou o cenário prospectivo. A grande inquietação refere-se a uma possível tempestade a frente que leve a uma recessão. Assim vários bancos centrais elevaram os seus juros e o Europeu demonstrou incômodo com o aumento do risco soberano de alguns países da região. Como desdobramento, houve de deterioração da aversão ao risco, com o rendimento das T-notes de 10 anos subindo 0,10 p.p. para 3,25% a.a. e a queda nas principais Bolsas. Na semana, o dólar ganhou força, com o índice DXY avançando 0,5%. Graças às incertezas no âmbito fiscal e aos ruídos de ordem não econômica provocados pelo anúncio do reajuste nos combustíveis, o real apresentou desempenho mais decepcionante, com uma depreciação de -3,3%. Como aguardado, o Copom elevou a Selic em 0,50 p.p. para 13,25% a.a., antevendo um novo ajuste de igual ou menor magnitude na próxima reunião. Como novidade, passou a incluir também no horizonte relevante o ano de 2024, o que pode ser interpretado de que ao alargar o prazo temporal não pretende elevar muito a taxa terminal. Essa sinalização firmou uma aposta majoritária de que a taxa se eleve para 13,75% a.a. em agosto e o anúncio do aumento dos preços dos combustíveis elevou a taxa de juros do DI prefixado de 360 dias de 13,34% a.a. para 13,63% a.a.. A série dessazonalizada da variação trimestral do setor de serviços mostrou em abril uma desaceleração, com alta de 0,67% contra 1,55% em mar/22 e 3,23% em fev/22. Apesar do carry over estatístico de 1,07% para o 2T22, a sua contribuição deverá ser menor com a dissipação do efeito da flexibilização da economia e o orçamento apertado das famílias com o aumento da inflação, mesmo com a antecipação do FGTS e o adiantamento do 13º aos aposentados. Assim, a projeção para o crescimento do PIB de 2022 ficou em 1,40%, abaixo da estimativa de 1,50% do último levantamento da Agência Broadcast. Para a semana serão destaques a divulgação da ata da reunião do Copom, a Reunião do CMN, o IPCA-15, o Monitor do PIB, a sondagem do consumidor FGV e a Arrecadação Federal.

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Expectativas

Inflação Implícita

Em 12 meses



Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

Com projeções chegando até 10,0%, a mediana do levantamento realizado pela Agência Broadcast para o IPCA de 2022 ficou em 8,50%, a mesma apurada pela pesquisa Focus e descrita no Comunicado do Copom. Para 2023, com estimativas variando entre 3,50% e 6,25%, o indicador ficou em 4,55%, abaixo da mediana de 4,70% da Focus, mas bem acima da meta de 3,25%. Ganhando maior relevância na mensagem do Banco Central (BC), a estimativa levantada pela agência para 2024 indicou inflação de 3,0%, abaixo dos 3,25% da Focus.

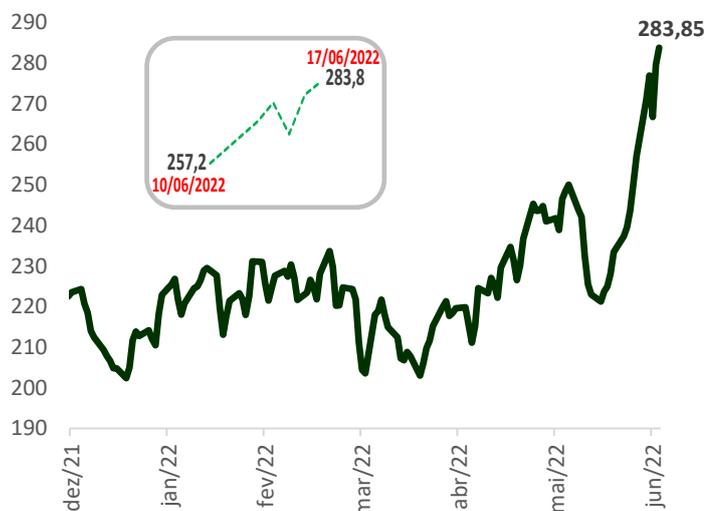
Com o anúncio de um novo ajuste na próxima reunião do Copom, de igual ou menor magnitude, a avaliação dos analistas é de que a Selic feche o ano em 13,75% a.a., ante a de 13,25% a.a. da versão anterior. Para o fim de 2023, a consulta da Broadcast apontou uma taxa Selic de 10,0% a.a., a mesma indicada na Focus, enquanto para 2024 a mediana era de 7,50%, similar à pesquisa Focus. A projeção para o crescimento do PIB de 2022 ficou em 1,40%, abaixo da estimativa de 1,50% do último levantamento da Broadcast. Para 2023, o crescimento estimado foi de 0,60% do PIB, abaixo da alta de 0,67% prevista na pesquisa anterior. Já a projeção para 2024 manteve-se em 1,70%.

A cotação do dólar no levantamento foi de R\$ 5,05 no fim de 2022, ligeiramente acima da mediana de R\$ 5,03 do anterior. Ao término de 2023, a expectativa era de R\$ 5,10/US\$, superando os R\$ 5,00/US\$ da última pesquisa. Para 2024, o levantamento indicou o dólar a R\$ 5,10, acima dos R\$ 5,00 do anterior.

Por fim, com a volatilidade na curva de juros e as novas fontes de incertezas no âmbito fiscal e na evolução do preço dos combustíveis, a inflação implícita calculada pela Anbima na negociação de títulos públicos subiu na semana de 6,45% para 6,88% para o prazo de 1 ano e de 6,64% para 6,88% para o de 2 anos, níveis bem superiores às metas inflacionárias.

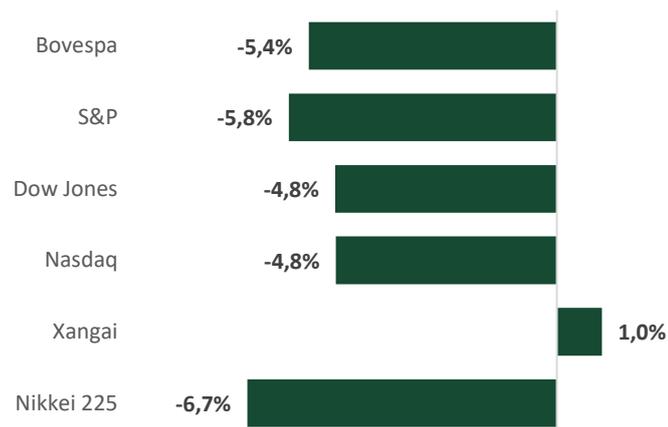
Aversão ao Risco

Credit Default Swap (CDS) Variação na semana



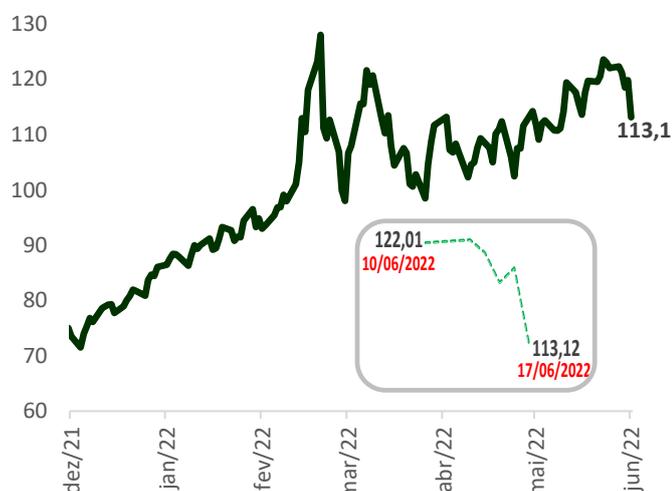
O temor de uma recessão originada pelo ciclo de aperto da liquidez internacional desencadeou uma piora significativa na aversão ao risco. Com destaque para o aumento da taxa de juros básicos em 0,75 p.p. pelo Federa Reserve (Fed), o maior em 27 anos, e a reavaliação da política monetária em termos globais. Além do Fed, os Bancos Centrais da Suíça e da Inglaterra também elevaram seus juros. Como adendo às suas sinalizações, em reunião extraordinária, o Banco Central Europeu (BCE) mostrou disposição de intervir no mercado, caso o risco soberano de alguns países da região subirem de forma exagerada.

Bolsas de Valores Variação na semana



Na semana, o movimento do Fed sustentou a elevação do rendimento das T-notes de 10 anos em 0,10 p.p. para 3,25% a.a.. Já as principais bolsas internacionais tiveram o pior desempenho semanal desde 2020, com destaque para o S&P (-5,8%), Dow Jones e Nasdaq (-4,8% cada). Por aqui, o índice da Bovespa cedeu -5,4%.

Petróleo Brent última cotação US\$



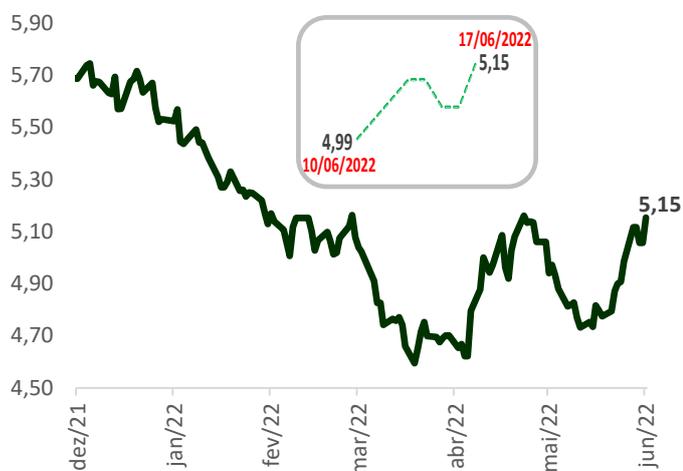
Em consonância à elevação da aversão ao risco, a medida de risco soberano brasileira, calculada pelo prêmio do CDS de 5 anos, encerrou a semana com expressiva alta de 26,6 bps. para 283,8 bps.. O movimento alinhou-se ao verificado em alguns pares emergentes como: África do Sul (21,1 bps.); México (18,6 bps.); Chile (15,2 bps.) e Peru (12,5 bps.).

A deterioração para países exportadores de commodities foi agravada pela volatilidade e pelo viés de baixa dos preços, dadas as expectativas de menor crescimento global. A cotação do minério de ferro recuou -4,1% na semana, para US\$ 135,7. Já a cotação do barril de petróleo tipo Brent caiu -7,3% no período, para US\$ 113,1.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

Real/US\$



Um conjunto de fatores produziu impactos negativos na aversão ao risco e, conseqüentemente, fortalecendo a cotação do dólar. Após o Fed elevar a taxa de juros em 0,75 p.p. e respondendo à perspectiva de um aperto monetário mais agressivo que pode gerar um processo recessivo, a moeda ganhou força. Soma-se a esse cenário ruim para as moedas dos países emergentes as incertezas em relação à atividade global, refletidas nos dados da produção industrial da China e nas cotações das *commodities*.

Dollar Index

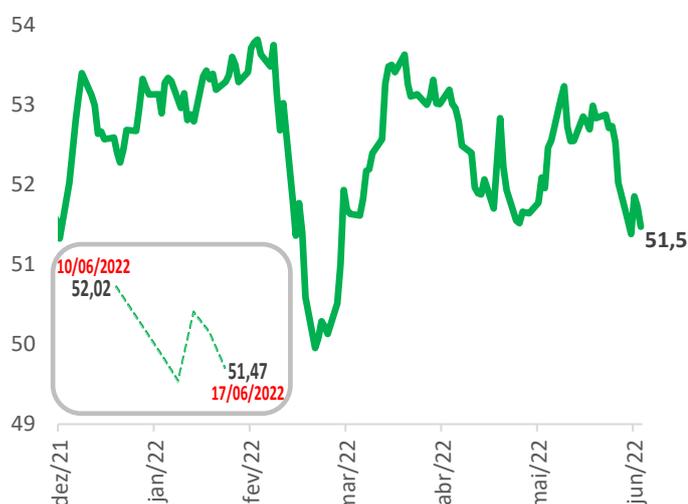


O índice DXY - que mede o ímpeto do dólar ante seus pares – fechou em 104,7 pontos, com avanço de 0,5% na semana, influenciado pelas depreciações de -0,2% no euro e de -0,6% na libra esterlina.

Da mesma maneira, o índice que mede a variação das moedas de países emergentes em relação ao dólar retraiu -1,1% na semana, espelhando as depreciações de -3,6% no peso chileno, -1,9% no peso mexicano e de -1,3% na lira turca. Em sentido oposto, ressalta-se a apreciação de 1,2% no rublo russo no período.

Já o real apresentou comportamento ainda mais decepcionante do que os seus pares emergentes, agravado pelas incertezas no âmbito fiscal e pelos ruídos de ordem não econômica provocados pelo anúncio de reajuste nos combustíveis pela Petrobras, acompanhando a política de paridade com os preços internacionais.

Índice de Emergentes*



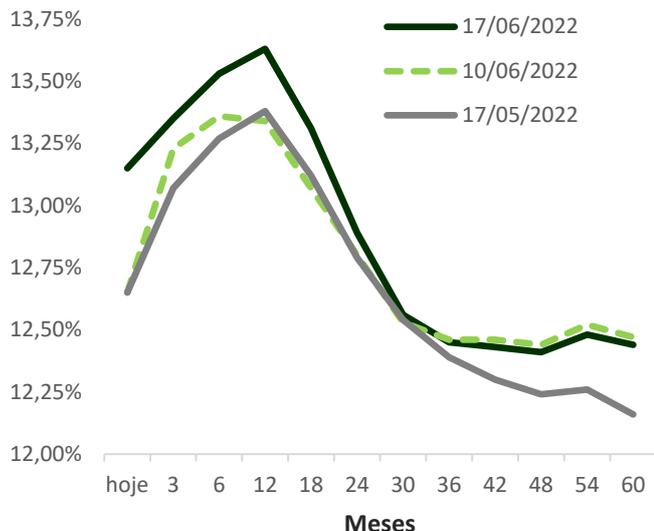
Assim, consolidou uma seqüência de resultados ruins para a divisa brasileira: depreciação de -3,3% na semana e de -8,8% no mês. O BC vendeu hoje a oferta total de até 15.000 contratos de swap cambial tradicional, em leilão que dá continuidade à rolagem de vencimentos programados para agosto. O valor total da operação foi de US\$ 750 milhões, sendo US\$ 310 milhões para 02/02/2023 e US\$ 440 milhões para 02/05/2023. Com os contratos inicial em 01/08/2022, a autoridade monetária tem a intenção de realizar a rolagem integral dos vencimentos.

*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros



A sinalização de um novo aumento da Selic que firmou uma aposta majoritária de que a taxa se eleve para 13,75% a.a. na reunião de agosto e o anúncio do aumento dos preços dos combustíveis pela Petrobrás ajustaram para cima as taxas de juros dos vértices mais curtos da estrutura a termo do mercado futuro. Assim, na semana, a taxa de juros do *swap DI* prefixado de 360 dias saiu de 13,34% a.a. para 13,63% a.a..

Mesmo com a incorporação das incertezas acerca do regime fiscal produzidas pelas alterações na tributação de combustíveis, energia, telecomunicações e transportes coletivos e os receios de uma recessão global apreciando o dólar, não houve na semana impacto relevante nos prêmios implícitos nos contratos de prazos mais longos. A taxa de juro dos vértices de 24 meses subiu 0,09 p.p. para 12,89% a.a., enquanto a de 36 meses reduziu-se em -0,01 p.p. para 12,45% a.a., a de 48 e de 60 meses em -0,03 p.p. para 12,41% a.a. e 12,44% a.a., respectivamente.

A menor inclinação da curva refletiu-se no aumento do spread negativo entre a taxas de 10 anos e 1 ano que alcançou -0,92 p.p. em 17/06, de acordo com os dados disponíveis na B3 e referentes ao mercado futuro de juros. Já com base na negociação dos títulos públicos, a Anbima apurou que este spread recuou -0,22 p.p., para -0,62 p.p., no encerramento da semana.

Swap DI Pré – 360 dias (a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

FomC – Jun/22

Projeções Econômicas do Fed Mediana

	2022		2023		2024	
	jun/22	Mar/22	jun/22	mar/22	Jun/22	Mar/22
PIB	1,7%	2,8%	1,7%	2,2%	1,9%	2,0%
Desemprego	3,7%	3,5%	3,9%	3,5%	4,1%	3,6%
Inflação (PCE)	5,2%	4,3%	2,6%	2,7%	2,2%	2,3%
Núcleo de Inflação (Core PEC)	4,3%	4,1%	2,7%	2,6%	2,3%	2,3%
Juros (Fed Funds Rate)	3,4%	1,9%	3,8%	2,8%	3,4%	2,8%

Fonte: Fed. Elaboração ABBC

Com a intenção de viabilizar a ancoragem das expectativas e de convergir a taxa de inflação à meta de 2,0% a.a., o Fed optou pela adoção de uma postura mais contundente de política monetária, elevando as taxas de juros referenciais em 0,75 p.p. para a faixa de 1,5% a.a. a 1,75% a.a., ante os 0,50 p.p. sinalizados na reunião anterior.

A decisão procura mitigar os impactos secundários das rupturas severas nas cadeias de produção e de abastecimento globais, em decorrência da Guerra da Ucrânia e do lockdown na China, que aumentaram as pressões sobre os preços dos combustíveis e energia. Acrescenta-se, ainda ao cenário, a taxa de desemprego em nível baixo, os fortes ganhos salariais, e a surpresa em maio da inflação ao consumidor dos EUA, medida pelo CPI, que chegou a 8,6% a.a.

Com isso, o Fed sinaliza uma trajetória mais rápida de condução dos juros ao patamar neutro de 2,5% a.a. em termos nominais. Além desta alta de 0,75 p.p. dos juros, indicou-se uma alta de pelo menos 0,50 p.p. na próxima reunião. O gráfico de pontos, com as projeções dos diretores, mostrou que a mediana para a taxa de juros para o final de 2022 saiu de 1,9% a.a. na reunião de mar/22 para 3,4%. Para 2023, a previsão foi alterada de 2,8% a.a. para 3,8% a.a.. O crescimento do PIB em 2022 passou de 2,8% em mar/22 para 1,7%, enquanto o de 2023 reduziu-se de 2,2% para 1,7%.

Já a mediana para a taxa de desemprego para esse ano oscilou de 3,5% em mar/22 para 3,7% em junho. Para 2023, a projeção foi revisada de 3,5% para 3,9%. Quanto à inflação ao consumidor, medida pelo PCE, a mediana das projeções subiu de 4,3% em mar/22 para 5,2% para 2022, reduzindo-se de 2,7% para 2,6% em 2023.

O comitê sinalizou ainda que continuará reduzindo suas participações em títulos do Tesouro e dívida de agências e títulos lastreados em hipotecas, conforme já descrito nos planos emitidos em maio pelo Fed, a fim de reduzir o tamanho do seu balanço.

Do lado da atividade, abaixo do aumento mensal previsto de 0,4%, a produção industrial dos Estados Unidos cresceu 0,3% em maio, após a alta de 1,4% em abr/22 (dado revisado). Na comparação com mai/21, a produção total da indústria avançou 5,8%. A utilização da capacidade instalada da indústria aumentou para 79,0% no mês (ante o dado revisado de 78,9% em abr/22). Na comparação com mai/21, a capacidade aumentou 3,7 p.p. (75,3%).

Já as vendas no varejo dos Estados Unidos surpreenderam negativamente em maio, ao recuar - 0,3% na margem, em meio ao aumento consistente dos preços. Na comparação com mai/21, a alta do varejo foi de 8,1%. Os dados mensais de abr/22 foram revisados para uma alta 0,7%, ante a leitura anterior de ganho de 0,9%.

Copom – Jun/22

Cenário Básico

		mai/22	jun/22
Câmbio	2022	R\$ 4,95	R\$ 4,90
	2023	PPC	PPC
Selic	2022	-	13,25%
	2023	-	10,0%
Inflação Copom	2022	7,3%	8,8%
	2023	3,4%	4,0%

Fonte: BCB-Comunicado Copom. Elaboração ABBC

Taxa de Juros - Meta Selic (a.a.)



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Balanco de Riscos da Inflação

Baixista

Reversão da alta nos preços das *commodities*

Desaceleração da atividade econômica

Altista

Persistência das pressões inflacionárias globais

Incertezas sobre o futuro do arcabouço fiscal

Fonte: BCB-Comunicado Copom. Elaboração ABBC

Como aguardado, o Copom elevou a Meta Selic em 0,50 p.p. para 13,25% a.a.. Diante de suas projeções e do risco de desancoragem das expectativas inflacionárias para prazos mais longos, sinalizou que a extensão do ciclo de aperto monetário deverá se adentrar em território ainda mais contracionista, antevendo um novo ajuste de igual ou menor magnitude na próxima reunião. Como novidade, a estratégia para a convergência da inflação para a meta ao longo do horizonte relevante passou a incluir o ano de 2024, além o de 2023. Este ponto pode ser interpretado que para atender o seu objetivo fundamental de assegurar a estabilidade de preços e de suavizar as flutuações do nível de atividade econômica, o BC não pretende elevar muito a taxa terminal.

Destacando o alto grau de incerteza implícito nas projeções e premissas, o BC apresentou o seu cenário de referência com a trajetória para a Selic extraída da pesquisa Focus que indicava taxa de 13,25% a.a. ao término de 2022, reduzindo-se para 10,0% a.a. em 2023 e 7,50% a.a. em 2024. A taxa de câmbio saía de R\$/US\$ 4,90, evoluindo segundo a PPC. Optou ainda em manter a hipótese de que o preço do petróleo seguiria aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses, terminando o ano em US\$110/barril, e passando a aumentar 2% a.a. a partir de jan/23. Além disso, adotou a bandeira tarifária "amarela" em dezembro de 2022, de 2023 e de 2024. Com isso, as projeções de inflação do Copom situavam-se em 8,8% para 2022 (8,5% na Focus), 4,0% para 2023 (4,7% na Focus) e 2,7% para 2024 (3,25% na Focus). Por fim, vale assinalar que esses números não incorporaram o impacto das medidas tributárias sobre preços de combustíveis, energia elétrica e telecomunicações.

No balanço de riscos, assinalou que a trajetória da inflação apresenta variância maior do que o usual, apontando uma maior simetria no que tange às pressões. Essa avaliação foi apresentada, apesar da clara deterioração nas expectativas e na evolução da inflação ao consumidor, tanto nos componentes voláteis como em itens associados à inflação subjacente, a despeito dos esforços de política monetária. Como fatores de alta, destacou-se: i) a persistência das pressões inflacionárias globais; e ii) incertezas sobre o futuro do arcabouço fiscal. E como pressões de baixa: i) uma possível reversão da alta dos preços das *commodities*; e ii) a desaceleração da atividade econômica mais acentuada do que a projetada. Especificou-se, ainda, que medidas tributárias poderão reduzir sensivelmente a inflação no ano corrente, embora elevem, em menor magnitude, a inflação no horizonte relevante de política monetária.

IGP-10 - Jun/22

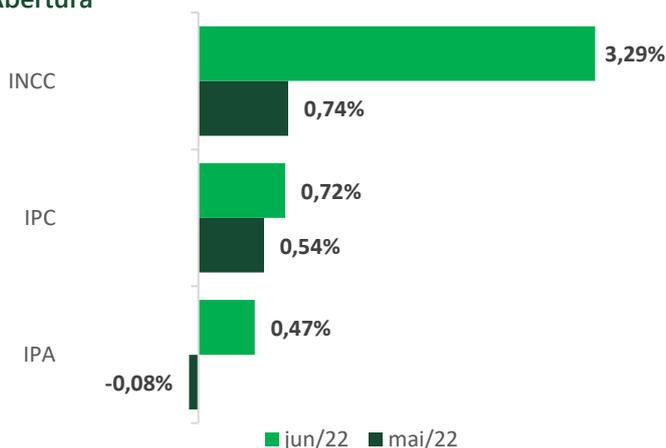
Variação Mensal



Impulsionado pelo aumento dos produtos industriais e agropecuários, em especial os preços do algodão e da cana-de-açúcar, o Índice Geral de Preços – 10 (IGP-10), medido pela FGV, apresentou variação de 0,74% no mês de junho ante 0,10% no mês anterior, acumulando alta de 8,53% no ano, e 10,40% em 12 meses.

O Índice de Preço ao Produtor Amplo (IPA), índice de maior peso no IGP-10, passou de uma queda de -0,08% em mai/22 para um aumento de 0,47% em junho, principalmente devido ao reajuste do óleo diesel que pressionou o índice para cima em 68% de sua taxa, porém com desaceleração de 12,66% para 10,27% em 12 meses.

Variação Mensal Abertura



Na abertura por estágio de processamento, os bens finais apresentam uma desaceleração de 1,12% em mai/22 para 0,01% em junho, com destaque para o subgrupo de alimentos processados, cuja taxa passou de 1,24% para -0,25%. Em contrapartida, o subgrupo de combustíveis e lubrificantes, que apresentou expressiva elevação de -0,59% para 7,81%, pressionou o aumento dos bens intermediários de 0,89% para 1,57%, acumulando 24,87% em 12 meses, ante 25,70% em maio. Em linha, o aumento de preços de soja em grão, milho em grão e minério de ferro arrefeceram a deflação do grupo de Matérias-Primas Brutas, que passou de -2,07% para -0,29%, porém mantendo-se em queda de -6,48% contra -2,77% em 12 meses.

Evolução Anual



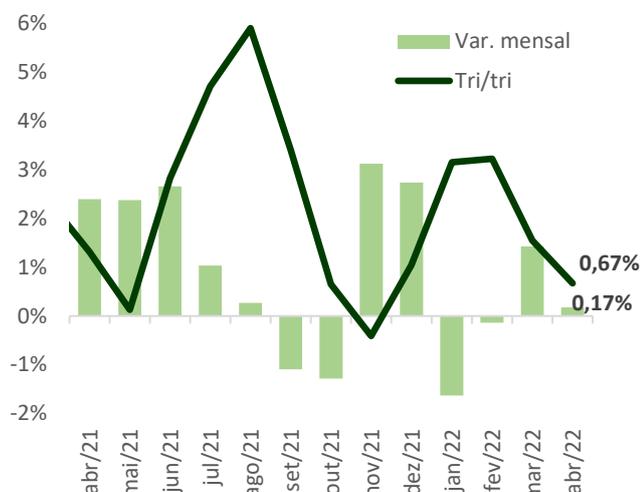
Apesar da queda de 5 dos 8 itens, as altas em habitação, com a variação da tarifa de eletricidade de -12,93% para -3,42%, vestuário, com maior representação a variação de roupas (1,14% para 2,04%) e Despesas Diversas, com aumento da tarifa postal de 2,17% para 4,89%, elevaram o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) de 0,54% para 0,72%, mantendo-se em 10,28% em 12 meses.

Por fim, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), impulsionado pelo aumento de materiais e equipamentos (1,52% para 1,66%) e mão de obra (0,01% para 5,30%), dois dos três itens componentes, elevou de 0,74% para 3,29% em junho, acumulando aumento de 11,30% para 11,83% em 12 meses.

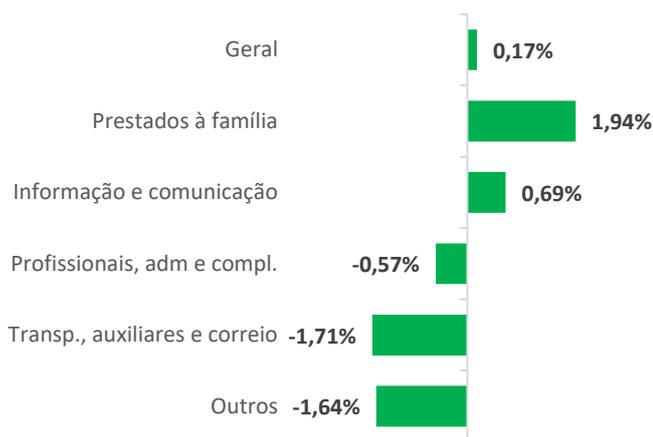
Fonte: FGV. Elaboração ABBC

PMS - Abr/22

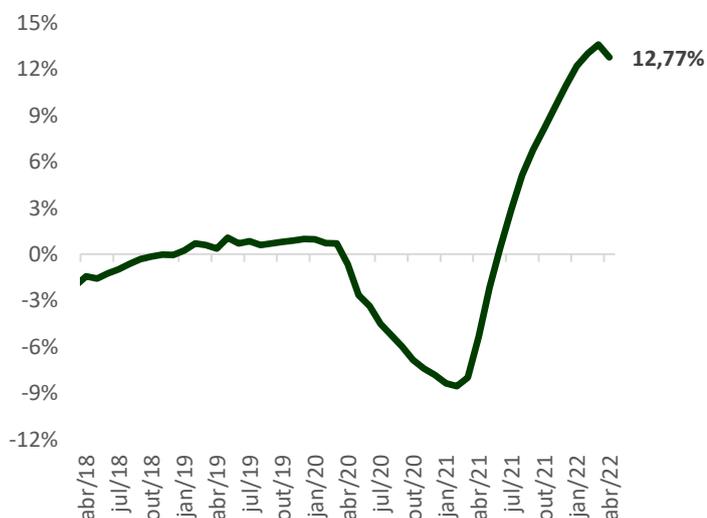
Variação Dessazonalizada



Variação Mensal Por segmento - dessazonalizada



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Após esboçar uma forte recuperação em mar/22, o setor de serviços reduziu seu ritmo de crescimento em abril, com alta de 0,2%, na série com ajuste sazonal. Ademais, o resultado de mar/22 foi revisto de 1,7% para 1,4%. A inflação tem pesado na desaceleração da expansão do setor de serviços, especialmente nos voltados às famílias, com efeitos diretos e indiretos, tanto pelo aumento dos custos de produção ao longo da cadeia, como pela substituição ou redução de serviços com o comprometimento do orçamento.

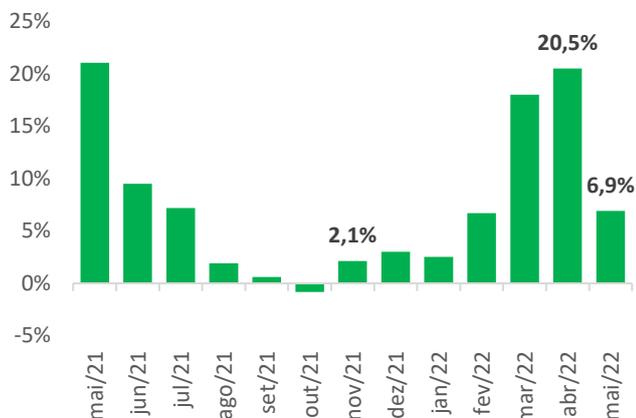
No mês, somente os serviços prestados às famílias e informação e comunicação apresentaram crescimento, de 1,94% e 0,69%, respectivamente, compensando as quedas de -1,71% em transportes auxiliares e correios, de -1,64% em outros serviços e de -0,57% em profissionais administrativos e complementares. Vale ressaltar que o desempenho dos serviços prestados a famílias teve o impacto do carnaval adiado para abr/22 em diversas localidades, o que impulsionou serviços como os de hotelaria e restaurantes.

Considerando-se a série com a variação trimestral, também com ajuste sazonal, a desaceleração no ritmo de crescimento é mais clara, com abril encerrando com alta de 0,67% contra 1,55% em mar/22 e 3,23% em fev/22. Entretanto, há um carry over estatístico de 1,07% para o 2T22. Representando cerca de 70% do PIB pela ótica da oferta, o setor deve ter uma menor contribuição, mesmo com medidas como a antecipação do FGTS e o adiantamento do 13º aos aposentados.

A série com a variação anual do índice acumulado em 12 meses reverteu sua trajetória crescente, saindo de 13,60% a.a. em mar/22 para 12,77% a.a.. Em abril de 2021 era observada uma retração de -5,34%, na mesma base comparativa. Em relação ao momento pré-pandemia (fev/20), o setor acumulou uma alta de 11,88%. Porém, nem todos os segmentos apresentaram recuperação, com os prestados às famílias ainda encontrando-se -4,95% abaixo do observado em fev/20. Considerando-se o elevado nível de endividamento das famílias, a inflação persistentemente elevada corroendo o orçamento familiar e a queda na renda real do trabalho, a recuperação dos serviços prestados a família tende a atrasar mais.

Indicadores do Varejo - Mai/22

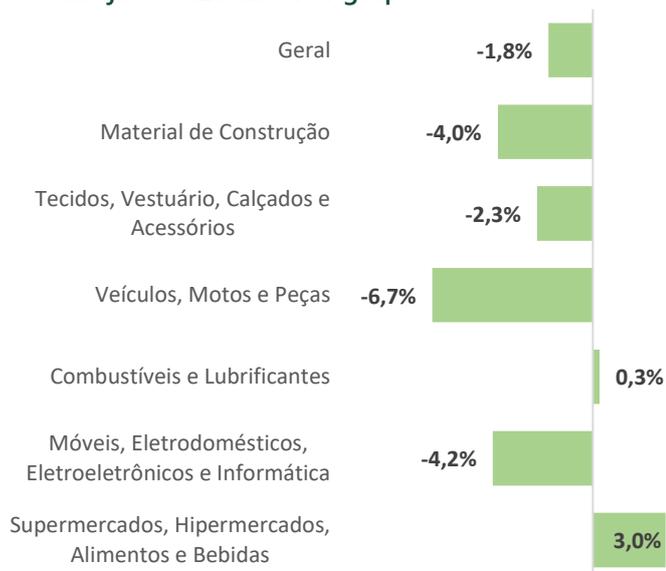
ICVA: Variação Anual Deflacionado



Fonte: Cielo. Elaboração ABBC

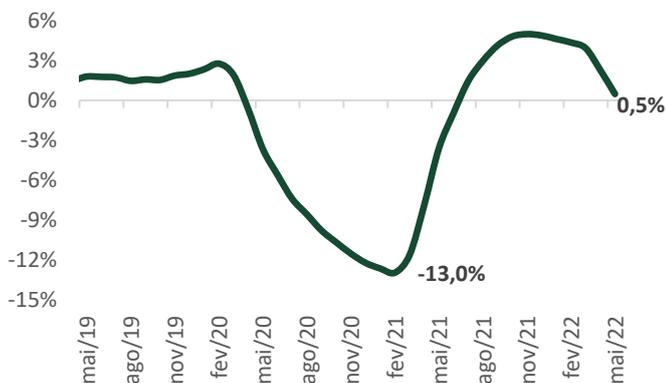
O bom desempenho da vacinação propiciou uma maior flexibilização no funcionamento do comércio, principalmente quando comparado com o mesmo mês do ano anterior. Em maio, o Índice Cielo do Varejo Ampliado (ICVA) deu seguimento na sequência de 6 meses de alta na variação interanual na série deflacionada. Porém, apesar da alta de 6,9% em relação a mai/21, houve uma desaceleração de -13,6 p.p. em relação ao crescimento de 20,5% verificado em abr/22. Na série nominal, o mês de maio apresentou variação de 23,9% a.a. contra 37,9% a.a. em abr/22, uma desaceleração de -14,0 p.p..

Atividade do Comércio: Variação Trimestral Com ajuste sazonal – Por grupo



Após queda de -1,2% em abr/22, o índice de Atividade do Comércio, da Serasa Experian, aumentou 2,1% em maio, na série com ajuste sazonal. Destaques para veículos, motos e peças (13,8%) e material de construção (4,7%), com queda em apenas 1 dos 6 grupos de atividade (-3,5% em móveis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos e Informática). Mesmo com o aumento na margem, houve queda no trimestre móvel de -1,8%, com altas apenas para os itens de supermercados, hipermercados, alimentos e bebidas (3,0%) e combustíveis e lubrificantes (0,3%). Assim, o índice vem apresentando queda desde nov/21 (5,0%) na variação anual acumulada em 12 meses, encerrando maio em 0,5% (2,3% em abr/22).

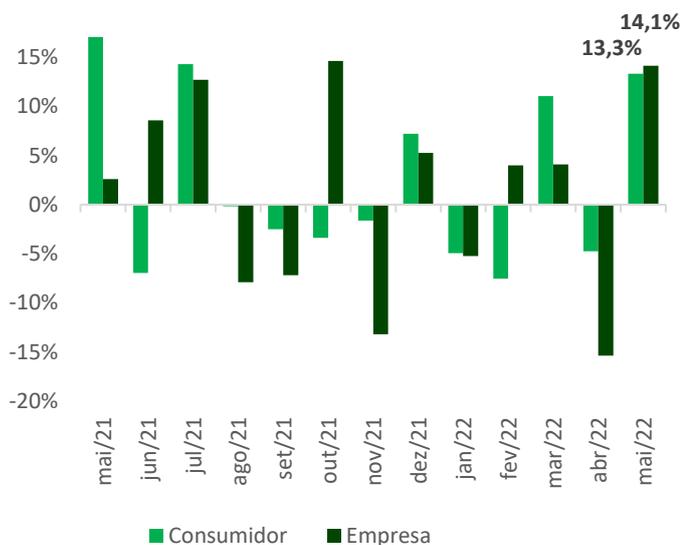
Atividade do Comércio: Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

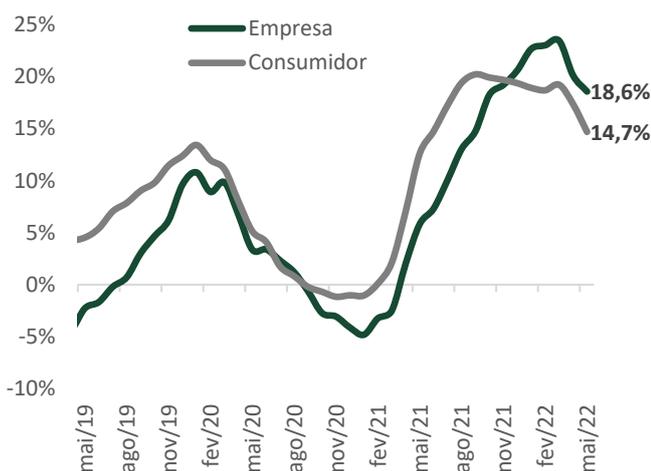
Demanda por Crédito - Mai/22

Variação Mensal



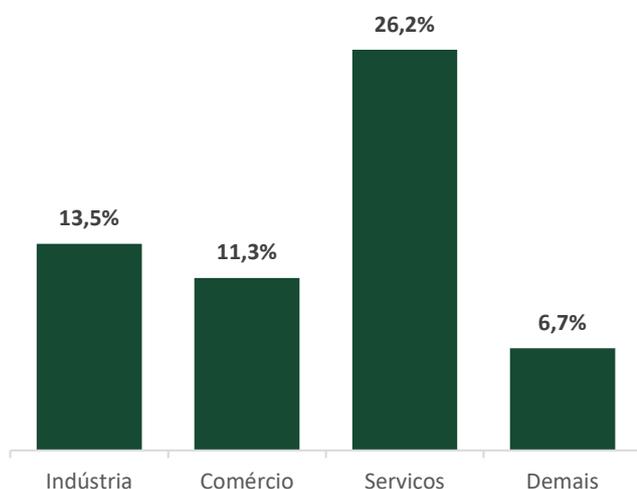
O indicador de demanda por crédito (IDC), elaborado pela Serasa Experian, mostrou que em maio a busca das empresas aumentou 14,1% na margem, após retração de -15,3% em abr/22 (2,6% em mai/21). Apesar da volatilidade, a variação anual do indicador acumulado em 12 meses se reduziu pelo 2º mês consecutivo, passando de 20,1% a.a. em abril para 18,6% a.a. (5,8% a.a. em mai/21). A contínua elevação da taxa básica de juros afeta as decisões das empresas, já com níveis elevados de endividamento.

Variação Anual Acumulada em 12 meses



Analisando a abertura por setor, na mesma base comparativa, a procura pelo crédito segue liderada pelo grupo de serviços, mais sensível à recuperação da atividade econômica e aos impactos da reabertura dos mercados, que apresentou expressiva alta de 26,2% a.a., embora em desaceleração (20,7% a.a. em abr/22). No recorte por porte das empresas, destaque para o aumento de 19,2% a.a. das micro e pequenas empresas (MPE), seguida por 1,6% a.a. das médias e 0,5% a.a. das grandes.

Variação Anual Por segmento – acumulado em 12 meses



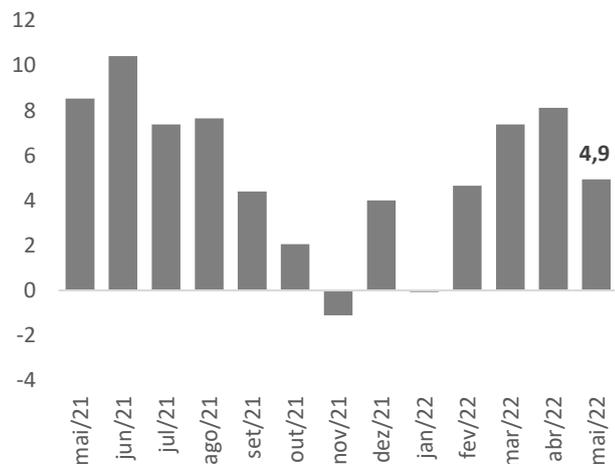
Na mesma direção, o IDC dos consumidores avançou 13,3% em maio no comparativo com abril, após recuar -4,7% um mês antes (17,0% em mai/21). O ritmo de crescimento da variação anual do IDC acumulado em 12 meses seguiu em desaceleração, variando de 17,4% a.a. em abril para 14,7% a.a.. O resultado continua sendo impulsionado pelos consumidores de baixa renda, que ganham até R\$ 500/mês, com alta de 20,2% a.a., enquanto os com renda superior a R\$ 10.000/mês crescem 13,0% a.a..

Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

Balança Comercial - Mai/22

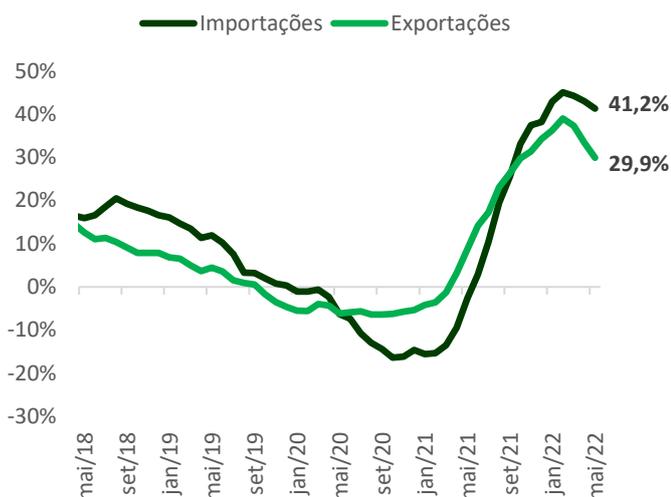
Saldo Comercial Mensal

Em US\$ bilhões



O saldo da balança comercial encerrou maio com US\$ 29,6 bilhões em exportações e US\$ 24,7 bilhões em importações, resultando em um superávit de US\$ 4,9 bilhões, uma desaceleração no crescimento do saldo de -39,2% em relação a abr/22 e de -42,0% ante mai/21. Mesmo com o pior resultado em relação a abr/22, o valor em exportações e importações foram números recordes, resultando no maior valor registrado na corrente de comércio desde o início da série histórica (jan/59). A soma das importações e exportações atingiu US\$ 54,3 bilhões, o que representou um aumento de 7,0% contra o último recorde de US\$ 50,8 bilhões registrado em mar/22.

Balança Comercial Acumulada em 12 meses



Apesar da queda de -4,5% nas exportações da indústria extrativa, a combinação do aumento de 0,2% no setor da agropecuária e de 19,4% na indústria da transformação levou a uma elevação das exportações de 2,6% na margem e 13,2% em 12 meses comparado a mai/21. No ano, as exportações chegaram a US\$ 130,9 bilhões, um aumento de 21,3% em relação ao mesmo período no ano anterior.

Por outro lado, houve crescimento de importações, com aumento em maio de 74,8% na indústria extrativa, 14,5% na agropecuária e 32,0% na indústria de transformação, na comparação com mai/21. As importações acumuladas no ano somam US\$ 105,8 bilhões, um aumento de 30,1% sobre o mesmo período em 2021.

Balança Comercial Acumulada em 12 meses – em US\$ bilhões



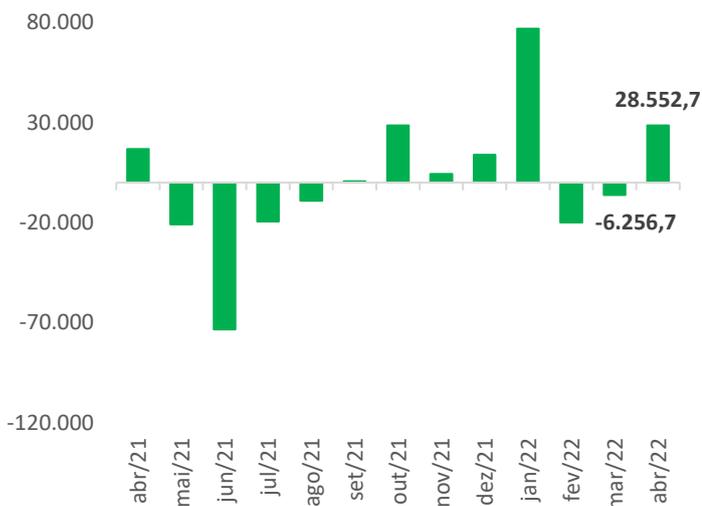
Pelo 8º mês consecutivo, as importações acumuladas em 12 meses apresentam variação maior do que exportações, encerrando maio com alta de 41,2% a.a. ante 42,9% a.a. em abril. Já a variação do acumulado em 12 meses das exportações passou de 33,4% em abr/22 para 29,9%.

Fonte: MDIC. Elaboração ABBC

Resultado Fiscal – Abr/22

Resultado Primário do Governo Central

Varição Mensal – em R\$ milhões



Com 2 semanas de atraso, em decorrência da greve dos servidores, foi divulgado o resultado fiscal do Governo Central - que abrange Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central. Houve em abril um superávit mensal de R\$ 28,5 bilhões, contra um saldo negativo de R\$ -6,25 bilhões em mar/22. O resultado veio bem acima do que o aguardado pelos analistas (de R\$ 17,3 bi), segundo a divulgação do último boletim “Prisma Fiscal”.

Na comparação com o abr/21, o superávit primário apresentou crescimento de 71,4% (+52,9 % em termos reais, descontada a inflação). Com isso, nos 4 primeiros meses do ano, o Governo Central acumulou um resultado positivo de R\$ 79,263 bilhões, valor recorde para o período em toda a série histórica. O déficit acumulado em 12 meses em relação ao PIB encerrou em 0,04% ante -0,10% em mar/22 (-7,7% em abr/21).

Resultado Primário – Governo Central em % do PIB

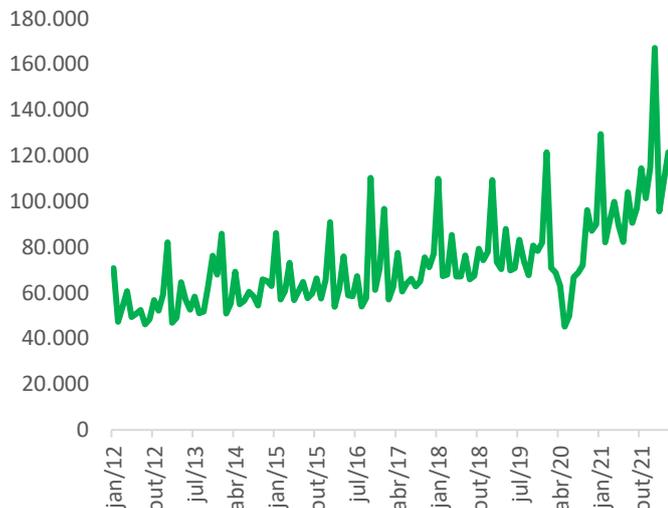


As receitas administradas pela Receita Federal apresentaram elevação de 11,6% na margem e de expressivos 121,6% em relação a abril de 2021. Vale ainda ressaltar que a meta fiscal estipulada para o ano é de um déficit primário de R\$ -170,5 bilhões, de acordo com a LDO, e passou por revisão em maio pelo Relatório Bimestral de Receitas e Despesas que reduziu a estimativa de déficit no ano para R\$ -65,5 bilhões.

A dinâmica do resultado do Governo Central tem sido favorecida pela arrecadação recorde, propiciada pela elevação dos lucros das companhias de energia e combustíveis e pela alta dos preços das commodities no mercado internacional, a despeito da desoneração dos produtos industrializados, do aumento das despesas obrigatórias e dos gastos com o Auxílio Brasil.

Receita Administrada pela RF

Varição Mensal – Em R\$ milhões

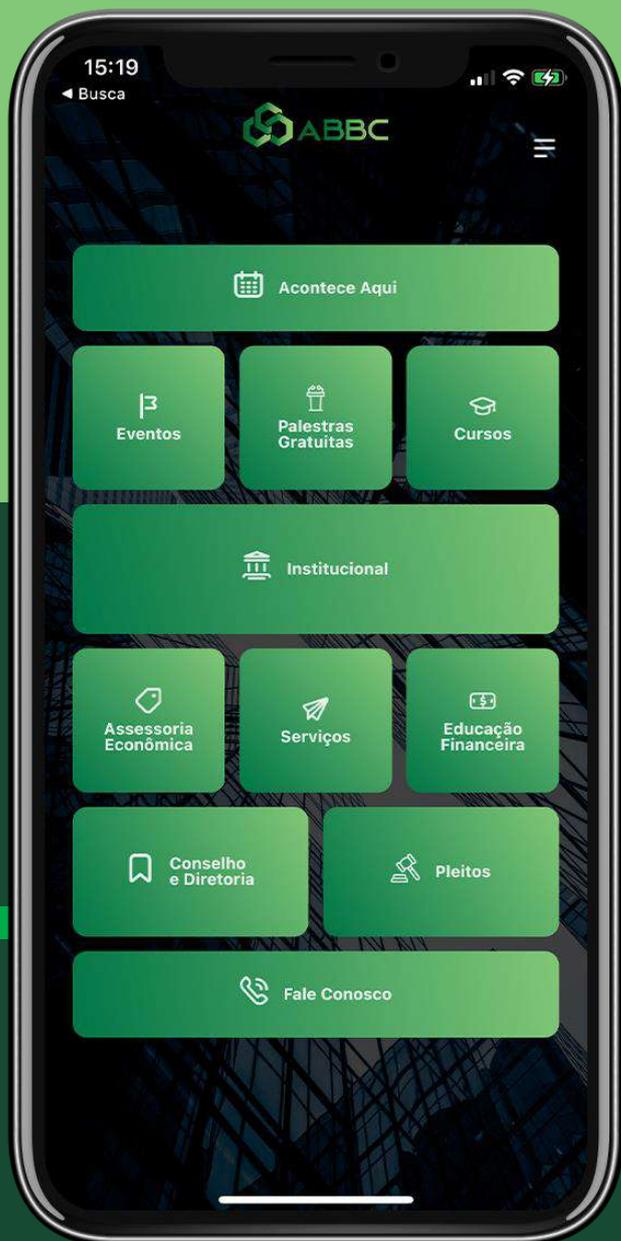


Fonte: Tesouro Nacional. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,5	0,6
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	11,0	10,8
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	9,1	4,4
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	12,6	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	9,75
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	67,0	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-25,0	-33,7
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	61,0	69,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,05	5,05
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	-0,2	-0,3
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,9	-5,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	60,9	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	78,9	80,6

Fonte: ABBC



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688